

DOS BASTIDORES AO ESPETÁCULO JUNINO: ASSUJEITAMENTOS E SUBVERSÃO DE BRINCANTES LGBTQIA+ EM GRUPOS DE QUADRILHAS JUNINAS

Eliaquim de Sousa Lima¹

Robério Augusto Leal Sacramento²

Resumo: Marcadas por valores tradicionais, as festas juninas guardam costumes, ritos, cultos, esperanças, histórias e danças. Carregam também em suas conformações, aspectos ligados ao gênero e sexualidades que podem ser, por exemplo, evidenciados mediante o universo das quadrilhas juninas. Neste sentido, o objetivo geral deste trabalho visou investigar as formas de assujeitamentos que as pessoas LGBTQIA+ se deparam como brincantes dos grupos de quadrilhas juninas da região do vale do Jaguaribe/CE. Com abordagem qualitativa, objetivo descritiva e técnicas de um estudo de campo, participaram 5 brincantes LGBTQIA+ com idades entre 21 e 32 anos, que foram submetidos ao formulário de identificação e, posteriormente, à entrevista, tendo sido os dados coletados, interpretados pela categorização e análise de conteúdo. Os resultados mostraram que, há limites e resistências, por parte de diretores, coreógrafos, quanto às pessoas LGBTQIA+ performarem nos papéis de damas e de cavalheiros como desejam nas quadrilhas juninas; presença de brincadeiras, olhares e apelidos com tom de descaracterização e/ou inferiorização a essas pessoas no contexto dos ensaios, ônibus ou locais de apresentações; e cobranças quanto a ter que ajustar os trejeitos afeminados de meninos homossexuais para ocupar o cargo de cavalheiro. Assim, pode-se concluir que, as quadrilhas juninas apesar de serem ocupadas, produzidas e protagonizadas pelas pessoas LGBTQIA+, podem ocasionar experiências de assujeitamentos para algumas dessas narrativas que se inserem em seu seio.

Palavras-chave: Quadrilha junina; Gênero; Sexualidade; Assujeitamentos.

VAMOS DANÇAR QUADRILHA!³

É chegado o mês de junho e as movimentações festivas iniciam, afinal, o período junino começou. Prepara a canjica, a pamonha, o milho verde; amarrem as bandeirinhas e balões;

¹ Especialista em Educação Física Escolar pela Unicesumar. E-mail: eliaquimsousa@hotmail.com

² Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará. E-mail: roberiosacramento@gmail.com.

Data de submissão e aprovação: 11/02/2022

³ Esta é uma expressão bastante usada pelo personagem marcador ou pelo regional (músicos) para demarcar o início da performance coreográfica. Com isso, usa-se como alusão para demarcar o início deste escrito.

arrumem os seus vestidos de chita e chapéus de palha que a festança vai começar (SOUSA, 2018).

No Ceará e em outros Estados do Nordeste, as ações anteriormente mencionadas são corriqueiras no mês de junho, uma vez que essas se destacam por ter uma culinária típica, ainda pelas músicas e danças, estas últimas vinculadas sobretudo ao espetáculo dos grupos de quadrilhas juninas que, com seus enredos e coreografias tornam as noites festivas encantadoras.

Marcadas por valores tradicionais (CASTRO; PAIVA, 2020), as festas juninas guardam costumes, ritos, cultos, esperanças, histórias e danças. Carregam também em suas conformações, aspectos ligados ao gênero e sexualidades que podem ser, por exemplo, evidenciados mediante o universo das quadrilhas juninas, tais como: nos ensaios preparatórios para a temporada de festivais e concursos, nas histórias do casamento que antecedem à dança, no formato em pares que privilegiam a díade dama/cavalheiro, as vestimentas e os comportamentos orientados para os personagens envolvidos na performance artística e estética, entre outras facetas dessa festa/dança.

As quadrilhas juninas reproduzem dispositivos sociais heteronormativos (BARROSO, 2017), como é possível exemplificar, na divisão do casal mulher (dama) e homem (cavalheiro), que até o presente é a principal formação dos pares nesta dança popular, não sendo possível ainda assistir uma apresentação em que haja um par dama-dama ou cavalheiro-cavalheiro.⁴

Em contrapartida, ainda que a estrutura das quadrilhas juninas tenha sido hegemonicamente reificadora do padrão binário de gênero (da existência do homem e da mulher) e da sexualidade heterossexual, é visível que há uma presença e participação massiva de pessoas LGBTQIA+ - sigla usada para significar pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans, entre outras possibilidades de ser e desejar- nessa manifestação (BARROSO, 2017; NETO, 2006; CASTRO; PAIVA, 2020) que influenciam de diversas formas nos bastidores e nas apresentações propriamente ditas dos concursos de quadrilhas, logrando o *status* de protagonistas.

Compreende-se que a quadrilha junina incorporou normatizações generificadas e de sexualidades em acordo com as convenções sociais dominantes, e reconhecendo também, que quem ocupa majoritariamente este campo artístico, social, político e histórico, são as pessoas LGBTQIA+. É inevitável a emergência de indagações a respeito das colocações supracitadas, especialmente, pois se está diante de uma situação contraditória, e porquê, percebe-se que tais

⁴ Sobre esta questão, recorre-se apenas a uma experiência que o pesquisador teve ao assistir a uma apresentação de uma quadrilha junina no ano de 2018, em que o tema dessa era: “Minha manifestação cultural também é política”, e durante a teatralidade do casamento dos noivos, especialmente o civil, houve o casório de duas damas e dois cavalheiros, porém, na encenação coreográfica em si, esses retomaram à conformação de casal: dama/cavalheiro.

questões suscitadas no universo das quadrilhas juninas são outras importantes formas de ampliar os entendimentos dos impactos do gênero e da sexualidade em nossa sociedade, assim como afirmou Castro e Paiva (2020).

Dito isso, uma das indagações que orienta o presente trabalho é: A quais formas de assujeitamentos⁵ as pessoas LGBTQIA+ se deparam como brincantes⁶ no cenário das quadrilhas juninas na região do vale do Jaguaribe/CE? Desta maneira, visando alcançar possíveis resolutividades para tal inquietação, define-se como objetivo geral:

- Investigar as formas de assujeitamentos que as pessoas LGBTQIA+ se deparam como brincantes dos grupos de quadrilhas juninas da região do vale do Jaguaribe/CE.

E como objetivos específicos:

- Realizar uma revisão literária, a fim de buscar os elementos de gênero e de sexualidade que compõem a quadrilha junina, bem como, elementos que sugerem uma transgressão da estrutura desta.
- Identificar discursos e práticas de assujeitamentos que brincantes LGBTQIA+ experimentam/experimentaram nas cenas do percurso das quadrilhas juninas.

A pesquisa se justifica pela importância de significar e enaltecer a cultura popular no espaço acadêmico, principalmente, quando se analisa a quadrilha junina, um espetáculo de certa magnitude no nordeste brasileiro, e como ressalta Sousa (2018), um dos principais símbolos do mês junino nessa região.

Isso, pode ser comprovado também na posição que Castro e Paiva (2020) apresentaram, ao remeterem à quadrilha junina como sendo um fenômeno social, tendo em vista ser complexa e movimentar um conjunto de pessoas em torno dessa prática, basicamente, o ano inteiro. Neste sentido, refletir cientificamente sobre essa expressão cultural/corporal é uma ação fundamental, dada a influência que esta dança tem para a população nordestina e brasileira, bem como, forma de subsidiar a literatura aludida.

Um dos impulsos para o desenvolvimento dessa pesquisa advém das experiências do pesquisador dentro deste nicho que teve contato na infância. Desde o primeiro momento em que se encantou com o balançar das saias utilizadas nas quadrilhas, despertando o desejo de usá-las, fazer os giros com a mesma, porque a cor, a forma que ela se movimentava, eram fascinantes.

⁵ Compreende-se assujeitamentos neste trabalho como estar submetido às situações de preconceitos, discriminação.

⁶ Entende-se por brincantes, aqueles e aquelas que performam a coreografia da dança junina.

Esta situação foi crucial para a participação efetiva em um grupo junino, pois posteriormente, houve o contato, durante dois anos em uma quadrilha do Vale Jaguaribe. Além de apresentar uma visão das vivências desse meio, foram essenciais estudos sobre gênero, sexualidade, fundamentado nas leituras, que as festas juninas, sobretudo, a manifestação corporal e cultural que são as quadrilhas juninas, parecem experienciar situações contraditórias. Isto porque, ao passo que é um cenário majoritariamente ocupado por pessoas LGBTQIA+, essa foi/é arquitetada por discursos e práticas binárias de gênero heterossexistas que se expressam em variados momentos do percurso junino, indo dos bastidores às apresentações.

Diante dessa ocupação pelas pessoas LGBTQIA+, e com base no paradoxo supracitado, é crucial desnudar as situações que esses brincante experienciam nessa manifestação, pela necessidade de fundamentar os grupos e as federações juninas quanto ao conhecimento dessas narrativas, para que busquem estratégias, a fim de tornar o ambiente quadrilheiro acessível e significativo para todas as identidades de gênero e de sexualidade que destoam do padrão cis-heterossexual⁷, tão inerente a essa dança. Pois, parte-se do entendimento, de que acessar, permanecer e produzir as manifestações culturais são garantias asseguradas pelos direitos humanos. Tais direitos garantidos, convergem para tornar a quadrilha junina um espaço com significados e realizações para todos e todas.

GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO DA QUADRILHA JUNINA: DA PADRONIZAÇÃO ÀS SUBVERSÕES

A quadrilha junina surgiu em Paris no século XVIII. Na França, o termo foi cunhado como “*quadrille*”, que significa uma dança em pares em formato de um quadrado. No instante em que houve o contato com os hábitos franceses, essa se adapta e se assenta nas festas de salão dos nobres, e paulatinamente é disseminada para outros países da Europa, como Portugal, sendo um marco para a transposição à colônia brasileira (ALBUQUERQUE, 2013).

No Brasil, os embalos das noites de São João desembarcaram com os imigrantes portugueses que, em suas festas no decorrer do ano, incrementavam os passos característicos da quadrilha junina. Contudo, com a decadência do império e o rompimento dos bailes da classe nobre, os movimentos corporais dessa dança perdem visibilidade nos centros urbanos e se

⁷ Pessoas que se identificam de acordo com o gênero atribuído no nascimento e exerce uma atração sexual, desejo, fantasias, por pessoas do gênero oposto.

incorporam nas localidades, nas periferias e nos espaços interioranos (NETO, 2015). Essa mudança e as influências advindas dos novos espaços sociais e culturais, é o que constitui as histórias das quadrilhas juninas até os dias atuais.

Desta forma, feita esta rápida historicização da quadrilha junina, é determinante abordar que há uma variedade de aspectos que a circundam, dentre os quais, destacam-se neste momento para discussão e análise, os elementos de padronizações de gênero e de sexualidade, bem como de subversão a essas mesmas normatizações.

Segundo Neto (2006) as quadrilhas juninas, como uma dança em pares, possuem seus personagens identificados como damas e cavalheiros que interagem corporal e expressivamente durante o espetáculo. Castro e Paiva (2020) acrescentam que: “As ideias de dama e cavalheiro [...] são parte ativa da tradição, que atua diretamente na modelagem e disposição dos corpos na manifestação.” (CASTRO; PAIVA, 2020, p.6) Com isso, essa formação, ancorada na divisão em pares, acaba reproduzindo uma noção social generificada pautada no padrão binário de gênero (homem/mulher) e na sexualidade, heterossexual.

Com isso, constata-se que um dos primeiros elementos identificáveis da padronização de gênero e de sexualidade reforçado nas quadrilhas juninas, é a constituição obrigatória de pares dama-cavalheiro.

É possível inferir ainda, que essa divisão em pares não se refere apenas a uma característica específica tradicional da performance artística da quadrilha junina, mas também parece ser um dispositivo a mais de propagação dos códigos históricos-culturais-sociais de gênero e de sexualidade.

Por conseguinte, salienta-se que a disposição dos corpos em damas e cavalheiros, exige obrigatoriamente determinadas atribuições performáticas. Da primeira, a sensibilidade, *glamour* e plasticidade. Enquanto do segundo, a cortesia, a demonstração de movimentos que denotem características masculinas: força, dureza e posturas grosseiras. Esta padronização direcionada às damas e aos cavalheiros, pode ser ratificada na citação a seguir:

Os *cavalheiros* performatizam a força de trabalho do homem do campo, o desejo sexual masculino implícito no cortejo às *damas* e os elementos distintivos de uma masculinidade adequada para produzir a oposição binária estrutural, *cavalheiros/damas*, na qual se baseia todo o enredo coreográfico das *quadrilhas*. [...] *damas*, feito para exibi-las em termos de qualificadores que os *quadrilheiros* avaliam como “graciosidade”, “beleza”, “delicadeza” ou algum

outro atributo que esteja incrustado em concepções de “feminilidade” veiculadas no senso comum (NOLETO, 2016, pág. 7).

Desta forma, há de maneira implícita ou explícita, intencional ou não, a reprodução e produção dos atributos, dos papéis e ações estereotipadas das mulheres e dos homens que foram postas e determinadas pela cultura, pela sociedade, e, que possivelmente, a quadrilha junina contribui na ratificação desse ideal.

Outro ponto de destaque, quanto aos elementos padrões de gênero e de sexualidade presentes nas quadrilhas, diz respeito às roupas utilizadas (NOLETO, 2016). Claramente, figurinos que possibilitam movimento aos homens e dificultam o movimento às mulheres. As damas, por exemplo, usam vestidos que ocupam suas mãos, já que precisam balançá-los e girá-los, além de serem pesados; calçam sapatos com saltos, que as tornam inseguras, para que realizem movimentos curtos e transmitam delicadeza, isto é, que mantenham à pose de uma “verdadeira mulher”⁸. Por outro lado, os homens usam roupas leves e o sapato não tem salto, o que facilita deslocamentos e movimentos mais soltos e grosseiros.

Ademais, o casamento também pode ser analisado como uma parte do espetáculo que reforça as questões aludidas. Uma vez que, em sua maioria, contam uma história, real ou fictícia, de um homem e uma mulher que vivem um romance, na qual há o aparecimento da gravidez e esse é obrigado a casar, seja por boa ou má vontade (CHIANCA, 2013 *apud* NOLETO, 2016). Além disso, no casamento são encenadas situações padrões do cotidiano, bem como críticas contra as injustiças sociais e ao poder instituído (NETO, 2006).

A encenação teatral do momento do casamento pode retratar uma análise de questões que permeiam a realidade social nas periferias da cidade, como: sexualidade, gênero, raça, violência e família (NETO, 2006). Ou seja, apesar do casamento, por muito tempo, ter uma finalidade no texto que conta, a moça desvirginada e o marido sendo obrigado a casar, houve/há existências de novos roteiros dramatizados pelos personagens inseridos na trama

Seguido disto, o mesmo autor ainda se refere às questões da reprodução do preconceito contra as mulheres durante a peça, em virtude, da reiteração dos papéis sociais hegemonicamente associados às mulheres, ao determinar que essas irão atuar como: fofoqueiras, beatas ou prostitutas.

⁸ Este termo se encontra entre aspas para chamar atenção do leitor quanto à existência de um padrão hegemônico de mulher/de feminilidade imposto na sociedade, as quais as personagens damas devem reproduzir/representar na encenação junina. Embora, tenha-se conhecimento de corpos que são vibrantes e que não necessariamente atendem ou tem interesse de atender ao padrão.

Ainda, o estudioso expõe como problemática, no âmbito da teatralidade do casamento, a reiteração do sistema patriarcal, já que encenam a noção do pai e do noivo associada à função de condutores das relações e decisões nas cenas, tal qual, se espera no contexto social. Por fim, transmite à mensagem de que o casamento é a única saída e o fim para as mulheres que perderam à virgindade ou engravidaram (NETO, 2006).

Essas questões que perpassam os figurinos, e também, o casamento junino, acabam auxiliando na manutenção das relações de gênero e de sexualidade naturalizadas e demarcadas pela sociedade e pela cultura. Haja vista que, os papéis assumidos no espetáculo demonstram uma profunda ligação com o contexto social vigente, e impactam em alguma medida, aos espectadores presentes.

Isto, numa análise mais ampla, pode ser preocupante, pois a naturalização de gênero e de sexualidade, através do casamento dos noivos por exemplo, conduzem às pessoas a permanecerem na crença da existência única de mulher e homem com desejos afetivos, sexuais e eróticos, ou seja, heterossexuais.

Outrossim, a padronização de gênero e de sexualidade pode ser ainda evidenciada nos personagens destaques das quadrilhas, como: o casal de noivos, o marcador e a rainha, conhecidos dessa forma, no Ceará e em outras regiões do Nordeste. O marcador, o casal de noivos e a rainha, são quase exclusivamente corpos cisgêneros e com sexualidade heterossexual (NOLETO, 2016).

O marcador, é o condutor dos dançarinos, havendo em alguns grupos a presença de um homem cis e hétero assumindo essa posição. O casal de noivos representa a união heterossexual homem/mulher, e reproduzem a noção de família tradicional. Enquanto a rainha, é, em muitas quadrilhas, a mulher cis que carrega em seu corpo e em seus movimentos corporais, toda graciosidade, delicadeza e beleza, características essas apresentadas pela sociedade como oriundas de uma feminilidade (NOLETO, 2016) e que são características regulamentadas e exigidas nos festivais/concursos de quadrilhas (NETO, 2017).

Com isso, pode-se dizer que raras são as exceções de mulheres trans⁹ assumindo postos de rainhas, noivas ou marcadoras. É mais provável encontrar homens *gays* como noivos e marcadores, mas ainda assim, são sujeitos cis, ou seja, tem-se a figura do homem hegemônico como centralidade nesses postos de destaques.

⁹ Pessoas que foram cultural e socialmente nomeadas de meninos, mas, que no decorrer da sua existência se identificam com a feminilidade, como mulheres.

Entretanto, apesar de variadas formas de padronização, a quadrilha junina também tem sido lugar para inserção e permanência de corpos que destoam das características de masculinidades e feminilidades enrijecidas e aguardadas pela sociedade, e, principalmente, pelo que se produziu no papel da dama e do cavalheiro nessa dança. Corpos esses, que dançam como cavalheiros, mas, com trejeitos que se encaixam no modelo de comportamento feminino (NETO, 2006); e mais além, homens que dançam como damas.

Esta inserção também foi ressaltada por Noletto (2014) que nomeia os sujeitos homossexuais e travestis como protagonistas dos concursos de danças juninas. Um protagonismo que segundo Barroso (2017) decorre da participação majoritária dos homossexuais masculinos e de transgêneros, não se restringindo apenas a encenação coreográfica em dama ou cavalheiro, e sim, a ocupação massiva nas funções de produtores do espetáculo: criam e costuram os figurinos, elaboram as coreografias, a maquiagem, os penteados e são os principais consumidores e apreciadores dessa manifestação da cultura popular.

Desta forma, nesta configuração e permanência de novas possibilidades de corpos e comportamentos, ocorre inevitavelmente, o tensionamento dos códigos tradicionais heteronormativos que são encontrados na quadrilha junina. Tal assertiva, pode ser observada em Barroso (2019) quando afirma que, “O ingresso de novos agentes traz consigo novas práticas e representações, que podem afetar o *habitus*¹⁰ no campo, quer seja reproduzindo-o, quer seja adequando-se a ele, quer reequilibrando-o.” (BARROSO, 2019, p.94). Assim, ainda que os códigos juninos traduzam uma legitimação de gênero e sexualidade apresentada como o ideal na sociedade, esses estão sujeitos a serem desestabilizados mediante a presença e o protagonismo que pessoas LGBTQIA+ têm no universo desta expressão corporal e cultural.

Portanto, é visível a existência de fatores que padronizam os corpos no seio da quadrilha junina. E mais ainda, é a presença destes que fogem ao modelo binário de gênero e de sexualidade imposto pelas construções culturais no decurso da história, que borram as fronteiras e produzem ressignificações, sendo necessário considerar que atualmente, são peças fundamentais para movimentação dos grupos juninos, para encenação, organização e preparação dos festejos.

PERCURSO METODOLÓGICO

¹⁰ Para maior aprofundamento deste conceito ver Bourdieu (2007) em *A economia das trocas simbólicas*.

A presente pesquisa se fundamentou na noção da abordagem qualitativa. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), esta enfoca no entendimento dos porquês dos fenômenos, não os representando em valores numéricos, e sim, ressaltando a totalidade contextual e os aspectos subjetivos que compõe cada realidade.

Diante disso, considerando o enfoque do trabalho, que é sobretudo, investigar as experiências de brincantes LGBTQIA+ no cenário das quadrilhas juninas, enveredando-se pelas situações de assujeitamentos, é determinante atentar-se aos diversos atravessamentos que perpassam as narrativas dessas pessoas e impactam suas vivências nesta importante expressão popular.

Além disso, caracterizou-se como de objetivo exploratório. Gil (2008) mostra que nesse objetivo de pesquisa, o investigador busca obter informações ou esclarecer ideias a respeito de um determinado fenômeno, fornecendo uma visão mais geral do objeto. No trabalho em voga, entende-se que esse visa tecer análises iniciais e construir uma base preambular sobre as experiências de assujeitamentos dos brincantes LGBTQIA+ nas quadrilhas juninas, para que posteriormente, dê-se sequência em outras investigações.

Tratou-se ainda, de procedimentos técnicos de um estudo de campo, que de acordo com Gil (2002), esse é tipicamente focalizado numa comunidade, sem se prender totalmente a questão geográfica, mas partindo da noção de comunidade como um grupo de trabalho, estudo, lazer ou outras atividades humanas.

Com isso, subentende-se que o objeto que se buscou olhar mais proficuamente, foram sujeitos pertencentes aos grupos de quadrilhas juninas, especialmente, os localizados na região do vale do Jaguaribe no interior cearense. Tal região é lócus de observação, em virtude de ser o lugar de residência de um dos pesquisadores deste trabalho, e por isso, que o referido, resguarda vivências e tem mais acessibilidade a tais informações.

O público-alvo foi constituído por 5 brincantes LGBTQIA+ com idades variando de 21 a 32 anos, que compõem grupos de quadrilha junina na região do vale do Jaguaribe e que se enquadraram nos critérios do trabalho.

Quanto às técnicas de pesquisa para obtenção das informações, desenvolveu-se um questionário elaborado no formulário do *google*, com fins a delimitar o público da pesquisa, destacando-se como critérios de participação: ser LGBTQIA+ abertamente; estar assumindo a

função de brincante na quadrilha; ter no mínimo 3 anos/temporada¹¹ de quadrilha junina e se prontificar a ser submetido à segunda etapa da coleta de dados, que foram as entrevistas.

Posterior à organização dos sujeitos da pesquisa por meio do questionário, realizou-se o desenvolvimento de entrevistas online, semiestruturadas, individuais, com os sujeitos-alvo, recorrendo-se ao uso da plataforma *google meet*, uma vez que as condições sanitárias decorrentes da pandemia da Covid-19 impediram um contato presencial.

Segundo Schmidt, Palazzi e Piccinini (2020) há algumas vantagens na entrevista online, a saber: inclui participantes de variados lugares, redução de recursos financeiros e perda de tempo com deslocamentos, maior segurança dos envolvidos, dado o contexto pandêmico e maior possibilidade de investigar tópicos sensíveis.

Para a entrevista, utilizou-se um roteiro previamente estabelecido e apresentado em *slides* para facilitar o entendimento dos questionamentos, visando obter os discursos e práticas de assujeitamentos que os participantes enfrentaram ao se inserirem no universo das juninas. As entrevistas coletadas foram transcritas, e, posteriormente, realizou-se a etapa de interpretação.

A interpretação dos dados ocorreu por meio da categorização. Parafraseando Gomes (2002), o método de elaboração das categorias é um procedimento em que o pesquisador elenca em uma determinada frase ou palavra, os pensamentos/as ideias expressos/expressas em uma fala ou em um conjunto de falas, retirando-se a essência para nortear a análise das respostas obtidas. Desta forma, para contribuir na exploração e elaboração das categorias, usou-se o programa *Microsoft Office Word 2013*.

Para analisar os dados das entrevistas, que foram gravadas e, posteriormente, transcritas¹², usou-se a análise de conteúdo. Essa, alinhando-se à categorização, faz-se necessária, pois como afirma Bartelmebs (2013), caso recorra apenas o uso da categorização: “Seu trabalho corre o risco de ficar muito preso às suas próprias concepções prévias, não o desafiando a buscar novas respostas às suas questões de pesquisa e tampouco contribuindo para o campo de pesquisa em questão.” (BARTELMÉBS, 2013, pág. 5-6).

Assim, a categorização serviu como análise inicial para formular palavras-chave e/ou frases-chave do que se pesquisa como mecanismo de síntese e orientação, para em seguida,

¹¹ A ideia do marco temporal de 3 anos para mais, é partindo da possibilidade dos sujeitos agregarem mais experiências para destacar e também, porque é um tempo que pode permitir que se perceba como se comporta as formas de assujeitamentos nos primeiros anos e depois de algum tempo nas quadrilhas.

¹² A gravação na plataforma *meet* foi solicitada ao participante, e esse foi informado de todos os processos da pesquisa, bem como da afirmação de sigilo e segurança dos dados (imagens, falas) prestados.

discorrer de maneira mais aprofundada as investigações e compreensões do que se estuda, mediante a metodologia de análise de conteúdo. Obtendo assim, informações que estão implícitas nos discursos concedidos pelos participantes.

Os procedimentos de coletas, análises e interpretações das informações obtidas, estiveram de acordo com a resolução do código de ética nº 510/16.

Ademais, realizou-se uma explanação da proposta da pesquisa (objetivos, justificativas, métodos e segurança do anonimato) para que os sujeitos estivessem cientes da sua participação. Assegurando-se também, o anonimato e o respeito aos participantes durante todo o processo, bem como, orientação de não obrigatoriedade de participação e livre desistência caso não se sentisse mais à vontade para contribuir, ainda que tenha respondido o questionário e se encaixado nos critérios.

Realizou-se também, a confirmação de assinatura dos termos de consentimentos livre e esclarecido, e do termo de aceitação de confirmação de uso da imagem e voz que foram ofertados pelo canal do *whatsapp* – foi o meio comunicativo de mais proximidade do público - indicando fielmente que os dados seriam usados apenas para as proposições do referente trabalho, sendo posteriormente, armazenados em um lugar seguro para o caso de exigências comprobatórias futuras, e corridos os anos necessários, seriam apagados.

Por fim, como mecanismo a mais de segurança, os sujeitos participantes receberam uma cópia dos termos de consentimento e de aceitação do uso de imagem e da voz. Como também, das transcrições, confirmando que o texto está de acordo com o que foi obtido na entrevista. Após a confirmação da entrevista transcrita, iniciou-se a etapa de análise e interpretação.

IDENTIFICAÇÃO DOS BRINCANTES ENVOLVIDOS NA CENA JUNINA DA REGIÃO DO VALE DO JAGUARIBE

A primeira etapa da pesquisa foi enfatizada na aproximação e na identificação dos brincantes que responderam ao formulário, em que, um total de catorze respostas foram obtidas. Contudo, considerando os critérios desta pesquisa e os/as que sinalizaram interesse em prosseguir para a etapa da entrevista, expõe-se na tabela 1, mais detalhadamente os/as brincantes selecionados/das.

Tabela 1- Identificação dos/das brincantes

Nome	Identidade de gênero	Orientação sexual	Idade (anos)	Tempo de quadrilha	Personagem na quadrilha
Brincante 1	Mulher cis	Bissexual	27	5 anos ou mais	Dama
Brincante 2	Homem cis	Homossexual	23	3 anos	Cavalheiro
Brincante 3	Homem cis	Homossexual	21	5 anos ou mais	Cavalheiro
Brincante 4	Homem cis	Homossexual	32	5 anos ou mais	Noivo
Brincante 5	Outro	Homossexual	25	5 anos ou mais	Rainha

Fonte: Autoria dos pesquisadores

Como pode ser observado, há uma hegemonia de pessoas que se identificam como homem cis e que se orientam sexualmente como homossexuais na amostra da pesquisa. Tal achado, foi destacado por Noleto (2018) ao apresentar que é notório e público a presença de homens cis que se identificam como homossexuais assumindo postos de cavalheiros. E poderia ser dito até, de modo geral na quadrilha.

Diante deste primeiro contato emerge uma inquietação: por que não se obteve participações das pessoas trans? Será porque não há presença dessas nas quadrilhas em que se veiculou o *link* dos formulários ou por não haver interesse em participar da pesquisa, uma vez que a forma que a mesma se propôs a ocorrer, via *google meet*, fosse desconfortável ou desinteressante ou até mesmo tivessem dificuldades em acessar dispositivos tecnológicos dado a falta de oportunidades e condições? Ou será que abandonaram as quadrilhas juninas, já que há duas temporadas, os ensaios e os festejos juninos foram interrompidos em decorrência da pandemia da covid-19? E onde estão?

Estas primeiras informações requerem um olhar reflexivo e atento, já que, sabe-se, pelas experiências do pesquisador e das leituras de Noleto, Castro e Paiva, Hayeska Barroso, que sim, as pessoas trans ocupam as quadrilhas juninas, embora, reconheça-se também, que nos grupos interioranos, essas eram em menor quantidade quando comparada as identidades cis.

Feito isso, segue-se nas discussões do próximo tópico os elementos primordiais obtidos mediante categorização e análise dos relatos ouvidos nas entrevistas *online*, a fim de investigar a quais experiências de assujeitamentos os brincantes envolvidos na pesquisa enfrentaram/enfrentam no percurso junino, como também, que motivos os fizeram se inserir nesta manifestação cultural, e o que esta representa para cada um.

EXPERIÊNCIAS DE ASSUJEITAMENTOS NAS QUADRILHAS JUNINAS

Em diálogo com alguns brincantes LGBTQIA+, por meio das entrevistas, notou-se que as quadrilhas juninas são espaços frequentados e ocupados majoritariamente por pessoas, que destoam do padrão binário de gênero heterossexual, assim como fora identificado por outros autores e que foi exposto anteriormente.

Com isso, ainda que esta manifestação popular tenha sido estruturada com as noções e códigos sociais de gênero e de sexualidade dominantes, os corpos dissonantes da norma adentram este campo social-político-cultural de expressão e encenação, possibilitando que o espetáculo aconteça e ao mesmo tempo põe em discussão que as fronteiras performáticas e estéticas podem/são borradas e/ou desmanteladas. Uma vez que, como afirma Barroso (2019) “O ingresso de novos agentes traz consigo novas práticas e representações, que podem afetar o habitus no campo, quer seja reproduzindo-o, quer seja adequando-se a ele, quer reequilibrando-o.” (BARROSO,2019, p.94).

De acordo com o supracitado, Neto (2017) diz que,

As quadrilhas se tornaram um espaço de intensa participação de homossexuais que trazem consigo novas linguagens corporais que mexem com as concepções estéticas e performáticas convencionais desta manifestação de estrutura cênica sexista. (NETO, 2017, p.2)

Devido a essa participação e a imersão das linguagens dos sujeitos LGBTQIA+, a absoluta pressuposição heterossexual inerente ao contexto junino é constrangida (NOLETO, 2018).

Entretanto, apesar de importante e numerosa inserção/participação dessas pessoas no meio junino, especialmente, como brincantes, há nas narrativas de alguns, experiências de assujeitamentos que marcam suas existências. Foi possível inferir isso a partir dos relatos coletados de alguns brincantes, os quais apresentam-se a seguir mediante as categorias formuladas.

Limites e resistências às performances destoantes do padrão dama-cavalheiro no espetáculo junino

A participação de meninos que se interessam por dançar de damas e de meninas que se interessam em dançar como cavalheiros parece estar assujeitados a uma limitação quantitativa, bem como, à situações de resistências. Verificou-se isso nos relatos dos brincantes 01, 04 e 05:

Brincante 01: [...]Tinham vários meninos que gostavam de dançar como meninas, e aí o coreógrafo da quadrilha ele delimitou um limite de pessoas para dançar desse jeito, dessa forma. E teve muitas pessoas que saíram da quadrilha por conta disso.

Brincante 04: [...]Eles diziam, não, enquanto tiver mulher na minha quadrilha, o homem não vai se vestir de mulher para dançar [...].

Brincante 05: [...]Teve um homem trans que queria participar da quadrilha, porém, segundo o coreógrafo a proposta da quadrilha não cabia um homem trans, ele teria que se vestir de mulher para dançar quadrilha [...].

Segundo Castro e Paiva (2020) as compreensões de damas e cavalheiros com papéis e atribuições demarcadas e distintas são influências tradicionais que atuam na modelagem dos corpos e na disposição desses na manifestação.

Tal citação se encontra consoante com as falas encontradas, já que a organização dos grupos juninos partem do entendimento de que a formação de damas e cavalheiros devem ser conforme o discurso hegemônico de gênero aguardado e que estruturou as danças em pares. De modo que, o menino performar de menina e vice-versa, estaria submetido a um controle quantitativo e a situações de não aceitação para dançar como desejam.

Diante disso, esta limitação e não aceitação, quanto as presenças performáticas diferenciadas, especialmente, dos meninos se vestirem de roupas atribuídas socialmente às meninas, seja um indicativo de não masculinizar a quadrilha junina, já que algumas pessoas do meio a vislumbram como um ambiente marcadamente feminino, tendo em vista que “Toda a coreografia da quadrilha é construída visando a exibição das damas, com seus movimentos de saias exuberantes, que devem ser conduzidos pelo cavalheiro” (CASTRO; PAIVA, 2020, p. 8), ou seja, há, coreograficamente, na quadrilha junina, uma centralidade nas damas.

Além disso, como aponta Araújo (2016), a proibição de homens se vestirem com roupas que culturalmente são associadas às mulheres estaria atrelada também ao fato de que as características biológicas masculinas prejudicariam a evolução coreográfica do grupo, sendo perceptíveis aos olhares dos jurados, dos integrantes de outros grupos e dos expectadores, acarretando, desta forma, em estranhamentos e penalizações às juninas.

Por outro lado, a não aceitação de meninas dançarem como cavalheiros também colocaria em xeque a necessidade em manter as atribuições da masculinidade hegemônica, tendo em vista que homens trans assumindo as funções de cavalheiro desestabilizam os ideais pretendidos para esse cargo (NOLETO, 2018).

Desta forma, os limites e as resistências a que estão assujeitados os corpos dissonantes em gênero e sexualidade no meio junino, podem ser reflexos de discursos tradicionais que foram outrora construídos a respeito das danças em pares, especificamente, da quadrilha junina, e que os sujeitos envolvidos nessa manifestação incorporam e reproduzem, delimitando e controlando a participação dessas pessoas.

Ademais, os brincantes que participam na produção dos grupos juninos - ao se prenderem as normatizações dominantes das performances de damas e cavalheiros como sendo ocupações e papéis de corpos cisgêneros - podem enfrentar dilemas: Como um homem corteja um outro “homem” vestido de mulher? Ou como uma mulher vestida de “homem”, função dita masculina e do cavalheiro, cortejaria outra mulher?

Ao se presenciarem e/ou fomentarem isso, a matriz cis-heterocentrada no cenário junino seria preterida, além de gerar penalidades aos grupos, já que, os regulamentos de alguns concursos são baseados em fundamentos tradicionais. Isto é, não aceitam plenamente que as pessoas dançam como melhor se identificam. Pois, como bem destacou Noletto (2020), ainda que os regulamentos reconheçam que cada brincante possa ter direito à livre expressão da identidade sexual e de gênero, esse reconhecimento é essencializador, uma vez que ocorre considerando a biologia dos corpos e não suas experiências sociais, culturais e políticas.

O autor prossegue dizendo ainda, que a díade dama e cavalheiro composta por um sujeito masculino e feminino deve ser mantida, do contrário, os grupos juninos podem ser desclassificados dos concursos. Com isso, o mesmo chega à conclusão de que os certames juninos sustentam uma concepção que pressupõe a heterossexualidade e a cisgeneridade dos sujeitos.

Diante disso, as limitações e a não aceitação, em relação às performances destoantes do padrão dama-cavalheiro, podem potencializar afastamentos, forçadamente, desses indivíduos dos grupos juninos, como foi observado no relato da brincante 1. Ocasionalmente também, desconfortos para os brincantes em ter que dançar num personagem ao qual não se identificam.

Olhares, brincadeiras e apelidos desconfortáveis no âmbito das quadrilhas juninas

Em suas experiências como brincantes, alguns relataram não ter sido diretamente alvo de algum discurso ou prática de preconceito/discriminação de gênero nos ensaios ou nas apresentações propriamente dita dos festivais de quadrilha. No entanto, houve casos em que alguns vivenciaram ou presenciaram com outras pessoas situações de assujeitamentos, tais como se destaca nas falas dos brincantes 01 e 05:

Brincante 01: Teve um grupo que eu participei, que foi no ano que eu estava com a minha companheira, a gente nota olhares, a gente percebe como as pessoas encaram essa situação. Era mais propriamente dito, como brincadeiras, tipo músicas, paródias.

Brincante 02: Na questão de ensaios, é comum para as pessoas dos nossos gêneros, se tratarem por apelidos. Ah, sapatão, ei viado. Quando você está acostumado, tudo bem. Mas, as pessoas já normalizaram isso.

Como se pode averiguar, a presença de corpos que destoam de uma normativa divulgada e incorporada no seio do universo junino acarretam em situações que perpassam olhares que interessam vigiar ou estranhar, até brincadeiras (músicas, paródias) e apelidos desconfortáveis. Constata-se ainda que, não é uma atuação explícita, mas que acontece sutilmente.

Segundo Louro (2000) as sociedades demarcam fronteiras que constroem sujeitos que estão na norma e aqueles que estão fora dela (nas margens), e que passam a ser nomeados como os “outros”, sendo classificados com base nas suas expressões, gestos e comportamentos.

Assim, os marcados como os “outros” passam a ser vigiados, estranhados e tratados muitas vezes de maneiras pejorativas ou com tentativas de apagamentos, como é possível perceber nas falas acima. São paródias, brincadeiras e apelidos com intenção de demonstrar a inferiorização das pessoas LGBTQIA+. Silva e Gomes (2013) acrescentam que, “Há que se

considerar as sanções e pressões dirigidas a quem transgride os limites desse gênero binário [...]”. (SILVA; GOMES, 2013, p.49).

Com isso, embora Louro (2000) tenha analisado sobre a vigilância no espaço escolar, é válido ressaltar e fazer essa conexão reflexiva com as festas juninas, e a quadrilha, dado que essa é uma instituição social que também controla, demarca fronteiras e inculca códigos da sociedade mais geral como já visto até o presente. E que, atos subversivos em gênero e sexualidade não passam despercebidos e são passíveis de olhares, brincadeiras e apelidos com interesse de descaracterizar os ditos “outros”.

Ajuste dos trejeitos afeminados para dançar como cavalheiro

Uma outra tentativa de assujeitamento das identidades sexuais e de gênero destoantes pode ser identificada na interlocução com o brincante 3:

Brincante 03: [...] A dama tem que dançar como dama e o cavalheiro tem que dançar como cavalheiro. Aí pede muito para a gente, ah, dance como homem, você não está dançando como homem e tal. E às vezes, acho que isso reprime muito, eu mesmo já me senti muito repreendido, de não dançar totalmente livre, porque eu tenho que dançar como homem e tal.

[...] Comigo, foi mais algo desse tipo, de ter que dançar como homem, de não demonstrar o famoso trejeitos, sabe.

De acordo com Barroso (2017) um dos elementos tradicionais que se destacam nas festas juninas, é o caráter fixo e rígido dos papéis de gênero que devem ser assumidos pelos sujeitos e que organizam a encenação desse espetáculo popular. Dos cavalheiros, por exemplo, aguardam-se que representem a força do homem do campo, o cortejo às damas (NOLETO, 2016), e ainda, que assumam a responsabilidade de evocar a máxima do “cabra macho” do nordeste, ou seja, o “verdadeiro homem” (BARROSO 2017; MISKOLCI, 2006).

Neste sentido, os cavalheiros que são homossexuais e que assumem gestos e trejeitos performáticos que se aproximam de atributos femininos, das damas, são controlados e cobrados a dançarem como “verdadeiros homens”, com comportamentos, normalmente, socialmente atribuídos ao gênero masculino.

De acordo com Silva e Gomes (2013) “Aos meninos e homens que mais incorporam os padrões da masculinidade hegemônica é-lhes concedido mais capital social, enquanto os que se comportam ou se identificam com formas discordantes desses padrões são segregados”. (SILVA; GOMES 2013, p. 51). Logo, segundo o brincante entrevistado, ao não se enquadrar no indicado, há uma certa repressão que dificulta um dançar totalmente livre e que pode, em alguma medida, o levar a sentir-se segregado dos demais cavalheiros e do próprio conjunto junino.

REPRESENTAÇÃO E TEMÁTICA TRANS NO SEIO DA QUADRILHA JUNINA: REPENSANDO OS TRAJETOS DE ASSUJEITAMENTOS DAS PESSOAS LGBTQIA+

Expôs-se até então as narrativas de assujeitamentos a que presenciaram ou foram submetidos os brincantes em seus grupos de quadrilhas juninas. Contudo, alerta-se que foram colhidos nos relatos de alguns, uma certa oposição ao que foi apresentado nos subtópicos anteriores. Segundo alguns entrevistados, a abordagem temática¹³ da quadrilha para uma temporada ter se desenhado numa discussão sobre gênero e a ocupação de uma mulher trans num posto historicamente cis-gênero, que é o de rainha, teriam sido formas de repensar o lugar e as existências LGBTQIA+ na produção e divulgação das quadrilhas juninas. Segue as falas:

Brincante 02: [...] a gente falou sobre gênero, que a gente deu bastante ênfase a travesti Dandara, na qual a nossa rainha trans Carol Freitas¹⁴ ela vinha representando a Dandara¹⁵, que teve uma morte trágica para gente, e isso ensinou bastante a gente a passar uma realidade, então, foi uma forma de inclusão, de incluir uma pessoa trans [...].

Brincante 05: logo após o surgimento de uma rainha junina, dessa região no vale do Jaguaribe, que é a Carol Freitas, que hoje se tornou uma referência para nós LGBTQ+, é muito grande, foi onde abriu portas para esses grupos, esses meios, pudessem entrar como quisessem dançar.

De acordo com Barroso (2017) as pessoas trans se fazem presente e fazem sentir-se nesse meio junino, reinventando e de alguma maneira alterando os sentidos das tradições. Como

¹³ A cada temporada os grupos que competem nos festivais de quadrilha, pelo menos no âmbito cearense, precisam definir um tema que orientará toda a produção da quadrilha: vestimentas, cenário, coreografias, encenação de casamento, comportamentos e gestos de personagens destaques como (marcador/ra, rainha, casal de noivos).

¹⁴ Nome fictício utilizado pelos pesquisadores, uma vez que a pessoa mencionada no ato da entrevista não foi consultada quanto ao uso de seu nome na presente pesquisa.

¹⁵ Dandara do Santos, travesti cearense que foi brutalmente assassinada em fevereiro de 2017. Link da matéria: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>

também trouxe Castro e Paiva (2020), que a presença dessas pessoas ao mesmo tempo que podem conservar os moldes tradicionais, ocasionam tensionamentos e transformações.

Apesar de, como afirmou Noletto (2016), as mulheres trans assumirem uma “feminilidade indesejada”, é determinante para a ressignificação do movimento junino, e também, para a visibilidade da comunidade LGBTQIA+, a participação, produção e ocupação em personagens de grande representatividade da quadrilha junina por parte dos corpos trans.

Assim, a participação de pessoas trans, e não só, mas de identidades sexuais e de gênero entendidas como desviantes, não seria uma atitude de degradar os elementos da tradição, termo destacado e discutido por Neto (2015), mas uma perspectiva de atuar ativamente na propagação de progressividade, continuidade e transformação do meio junino, repensando novas possibilidades mais atentas à realidade social vigente.

Desta forma, a tematização, por parte dos grupos de quadrilhas, das discussões de gênero com os integrantes das juninas e a possibilidade dos corpos não cis-heterocentros ocuparem personagens destaques, podem ser mecanismos e/ou estratégias de rupturas com códigos que disciplinam, controlam e deslegitimam determinadas identidades, e que podem paulatinamente desconstruir estigmas e discursos ancorados na matriz cis-heterocentrada que fomentam alguns trajetos de assujeitamentos como aludido nas categorias do tópico anterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, pode-se constatar que os bastidores e o espetáculo junino tem sido ocupado, produzido e legitimado no seio artístico, cultural e social, pelas pessoas LGBTQIA+. Entretanto, ao se inserir nessa manifestação, e, mesmo tendo uma postura de protagonistas, tais sujeitos/sujeitas não estão alheios a vivenciarem ou presenciarem situações de assujeitamentos.

Tais opressões obtidas nos discursos dos interlocutores foram: limites e resistências, por parte de diretores, coreógrafos, quanto às pessoas LGBTQIA+ performarem nos papéis de damas e de cavalheiros, como desejam no âmbito das quadrilhas juninas; presença de brincadeiras, olhares e apelidos com tom de descaracterização e/ou inferiorização a essas pessoas no contexto dos ensaios, ônibus ou locais de apresentações; e cobranças quanto a ter que ajustar os trejeitos afeminados de meninos homossexuais para ocupar o cargo de cavalheiros.

Cabe ressaltar também que, apesar de experimentarem situações de assujeitamentos no seio da quadrilha, percebeu-se que, para alguns, esta narrativa negativa foi menos expressiva,

dado que o grupo ao qual participou/participa tematizou em uma temporada sobre as questões de gênero e isso contribuiu bastante para que internamente pudessem refletir sobre a presença destas pessoas nas quadrilhas e na sociedade, bem como, propagar essas informações para os expectadores em suas apresentações. Tal reflexão ganhou maior visibilidade ainda, com a ocupação de uma mulher trans no posto tradicional de rainha, possibilitando representatividade para a comunidade no âmbito da região jaguaribana.

Todavia, mesmo diante desta visibilidade, é necessário um olhar cuidadoso para as experiências de assujeitamentos que muitas pessoas LGBTQIA+ vivem nas quadrilhas juninas, uma vez que, essa manifestação é uma dança popular importantíssima na região nordestina, cearense e no vale do Jaguaribe, e que apesar de ter suas bases construídas discursivamente numa perspectiva de gênero binária e heterossexual, tem grande importância nas histórias, trajetórias, subjetividades e resistências dessas pessoas.

Neste sentido, urge valorar as ações e atitudes, como as encontradas nesta pesquisa e outras mais, que potencializam que as pessoas LGBTQIA+ ocupem quaisquer funções e/ou personagens nas juninas e possam ter suas identidades de gênero e de sexualidade preservadas, respeitadas e dignificadas, seja nos bastidores quanto nos espetáculos propriamente ditos. Enfim, que a quadrilha junina, especifica-se os envolvidos nas cenas desta expressão, esteja aberta às pluralidades dos sujeitos que participam e constroem essa festa.

Recorre-se ainda à fala da brincante 5 ao se remeter à importância do respeito dentro do seu grupo durante um episódio ocorrido: “[...] é daqui que a gente constrói a sociedade, nós somos um grupo que está partindo para fora. Então, eu vou construir uma sociedade com vocês[...]”. Assim, a quadrilha junina, como um espaço social que é parte de um todo, marcada pela inserção de inúmeras subjetividades e histórias, necessita repensar suas bases estruturais, pois do contrário, continuará reforçando uma matriz de existência da qual apaga o direito de viver daquelas pessoas que mais divulgam, fomentam e mantêm a chama acesa dessa prática corporal e cultural em alguns lugares do país, sobretudo, no cenário cearense e vale do Jaguaribe.

Por fim, compreende-se que há uma norma na sociedade e que é reforçada no universo da quadrilha junina, mas vê-se também que os corpos vibram, resistem e subvertem à essa mesma norma, engendrando novos significados a essa manifestação.

Assim, entende-se que a presente pesquisa tratou-se de uma investigação incipiente sobre os assujeitamentos de brincantes no universo dos grupos de quadrilhas, importa dizer que é

determinante para maior compreensão dessas experiências, que seja dada continuidade, ouvindo brincantes de variadas juninas e regiões, bem como, outros interlocutores envolvidos no meio (comissão organizadora, coreógrafos e afins). Outrossim, reconhecendo os limites da finalidade deste estudo, pode-se buscar em outras etapas formativas, entender com mais afinco os porquês de mesmo frente às experiências de assujeitamentos identificados nesse trabalho, inúmeros são os LGBTQIA+ que se inserem e permanecem nos grupos juninos para dançar quadrilha.

REFERÊNCIAS BIBLIORÁFICAS

ALBUQUERQUE, T. K.A. de. **As quadrilhas juninas e suas transformações culturais nos festivais folclóricos em Boa Vista – Roraima (2001-2011)**. - Manaus: UFAM/UFRR, 2013. Disponível em: http://www.arteduca.org/biblioteca/dissertacao_katia.pdf/view <> Acesso em: 22/09/2021.

BARROSO, H. C. **“O São João é gay!!”**: horizontes interpretativos sobre as performances trans na festa junina no Ceará. Revista periódicos, Salvador BA, n. 6, v. 1, Nov-abr, p. 179-197, 2017. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/20561/13167> <> Acesso em: 25/10/2021.

BARROSO, H. C. **Dança Joaquim com Zabé, Luiz com Iaiá, dança Janjão com Raqué e eu com sinhá**: a espetacularização da festa e o caráter performativo do gênero nos festejos juninos. Orientadora: Andréa Borges Leão. 2019. 169f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/42336> <> Acesso em: 26/09/2021.

BARTEMELEBS, R. C. **Analisando os dados na pesquisa qualitativa**. Disciplina de Metodologias de Estudos em pesquisas em Educação III, 2013. Disponível em: http://www.sabercom.furg.br/bitstream/1/1453/1/Texto_analise.pdf <> Acesso em: 29/09/2021.

CASTRO, T.S de; PAIVA, A.C.S. **Reinventando tradições**: Um olhar sobre as experiências de sujeitos *queer* no contexto das quadrilhas juninas do Ceará. 44º Encontro Anual da ANPOCS, GT 01: Arte, Cultura e Ciências Sociais: diferenças, agenciamentos e políticas, 2020. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:zXTh4Lk3-N0J:https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic%3Fq%3DYToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUIFVSVZPIjtzOjQ6IjM1ODUiO30iO3M6MToiaCI7czozMjoiNmJhNmQ3NDk4NzhkMTlkNzZhYTNiYmQzNTlmY2ZiZGIiO30%253D+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> <> Acesso em 20/09/2021.

GERHARDT, T.E; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa**. 1º.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> >. Acesso em: 28/10/2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social** .6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf> <> Acesso em: 28/09/2021.

Gil, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf <> Acesso em: 29/09/2021.

GOMES, R. **Análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, M.C DE. S; DESLANDES, S.F; NETO, O.C; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21º.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf> <> Acesso em: 28/09/2021.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª Ed. Belo Horizonte, 2000. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf?sequence=1> >. Acesso em: 27/11/2021.

MISKOLCI, R. **Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência**. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(3): 681-693, setembro-dezembro/2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/tXyhLkGkqh3MbWk9NpfrxLz/?format=pdf&lang=pt> <> Acesso em: 27/11/2021.

NETO, H.M. **“Damas e Cavalheiros”-O Estudo de Caso das Quadrilhas Juninas do Recife**. Gênero, Feminismo e Cultura Popular – ST 56, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/H/Hugo_Menezes_Neto_56.pdf <> Acesso em: 25/09/2021.

NETO, H.M. **Damas e Cavalheiros: as relações de gênero nas quadrilhas juninas do Recife**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006, Florianópolis. Anais do Fazendo gênero 7, 2006.

NETO, H.M. **Música e Festa na Perspectiva das Quadrilhas Juninas de Recife**. Revista Antropológicas, Ano 19, 26(1):103-133, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/viewFile/23907/19460><> Acesso em: 23/09/2021.

NOLETO, R. **“Brilham estrelas de São João!”: homossexualidades e travestilidades masculinas nas festas juninas do Pará**”. Novos Debates – fórum de debates em antropologia, nº 1, p. 27-32, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/rQKVRvqhg3FPbyhgmJqFvFr/?lang=pt&format=html> <> (acesso em: 24/09/2021).

NOLETO, R.da. S. **Drama, ritual e festa: gênero e sexualidade em performance no São João de Belém- Pará**. Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, João

Pessoa/PB, 2016. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:YIONk61ITf0J:www.30rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic%3Fq%3DYToyOntzOjY6InBhemFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUIFVSVZPIjtzOjQ6IjI3NjAiO30iO3M6MToiaCI7czozMjoiM2ZhYWZkNzRjYzQ1YjMzODJjYjEwN2JhYjhhkZWQ5ZDQiO30%253D+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em 20/09/2021.

NOLETO, Rafael. **Limites do gênero, fronteiras da sexualidade:** heterossexualidade e cisgeneridade coreográfica na quadra junina de Belém. In: SAGGESE, Gustavo S.R.; MARINI, Marisol; LORENZO, Rocío A.; SIMÕES, Julio A.; CANCELA, Cristina D.. (Org.). Marcadores sociais da diferença: gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica. 1ed. São Paulo: Terceiro Nome/Gramma, 2018, p. 287-305. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/7131> Acesso em: 27/11/2021.

NOLETO, R.da.Silva. **Regulamentos da cultura:** diversidade sexual e de gênero nos concursos juninos de Belém. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 28(1), 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/p8Y4nB3TgkMdTJYkFfXsS7w/?lang=pt#:~:text=I%20%2D%20Ser%20do%20sexo%20masculino,Identidade%20ou%20Certid%C3%A3o%20de%20Nascimento> Acesso em: 27/11/2021.

SILVA, P; GOMES, P.B. **Masculinidades como singularidades múltiplas:** uma proposta de análise das masculinidades no desporto. In: DORNELLES, P.G; WENETZ, I; SCHWEGBER, M.S.V. **Educação Física e Gênero:** desafios educacionais. Ijuí: ed. Unijuí, 2013.

SOUSA, N. C. de. **O corpo na festa junina:** reflexões simbólicas e estéticas para a Educação Física. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-graduação em Educação Física. Natal, RN, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/26169> Acesso em: 20/09/2021.